OFF LINE

Josiel Vieira

OFF LINE

Josiel Vieira

— Preciso me desligar um pouco...

Foi a primeira coisa que o menino que trabalhava como "homem-sanduíche" disse ao entrar no pequeno apartamento. Puxa, que frio que estava fazendo! E dentro dali não estava mais quente que na rua. Batia um vento violento que entrava nas frestas da janela.

— Desligar, docinho? Vem pra cá pra debaixo da coberta que vou deixar você ligadão!

E o sorriso que ele deu ao vê-la no sofá velho pulverizou todo o dia cansativo, toda a fadiga, todo o frio que lhe congelava os ossos... nele o sorriso se abriu assim como um raio de luz dentro de nuvens obscuras. Ele tirou o casaco, o seu colar indígena e se meteu debaixo da coberta grossa com a mesma elegância que um tatu desesperado entra numa toca aconchegante.

— Ei, seus pés estão frios! — ela disse, rindo.

— É?... E isso aqui? — o menino perguntou olhando da maneira safada que ela tanto gostava, pegou a mão dela e a trouxe para junto de si. Ela gargalhou:

— Sabe de uma coisa? Quem precisa de aquecedor?

Ficaram um bom tempo se olhando com ternura, totalmente enroscados um no outro como dois galhos que cresceram amarrados. E a coberta ampliava aquela sensação boa de calor.

— Que pacote é aquele que você trouxe? — ela perguntou.

— Ah! Eu comprei naquela lanchonete que você gosta.

— Puta que pariu! — ela disse, com os olhos brilhando — e você pediu pra eles passarem aquela gororoba verde que eu adoro?

— Mas é claro!

— Docinho, você merece uma medalha de ouro! — e ela pulou do sofá, abriu o pacote e passou a comer com uma voracidade inacreditável.

— Quer um pedaço? — ela falou de boca cheia.

— Não, obrigado. Pra mim, basta ver você comendo que eu já ficou satisfeito.

— Ah, come uma pedacinho, vai!...

— Não, não...

— Por que não, seu chato?

Ele nada respondeu, limitou-se a ficar olhando na penumbra para o teto com a mão embaixo da nuca.

Um clarão intermitente e piscante, que lembrava uma placa luminosa de outdoor, vinha do canto da sala onde havia deixado seu casaco.

— Droga, esqueci de desligar...

— Deixa, docinho, que eu faço isso pra você.

A menina pegou o casaco.

Em toda a longa superfície dele corriam, luminosas, propagandas as mais diversas; letreiros, slogans, chamadas, comerciais, compre isso, beba aquilo.

— Como é que se desliga essa porcaria? — ela disse impaciente — parece uma árvore de natal!

Por fim, a menina resolveu vestir. Se o casaco já ficava longo no menino, nela ficava parecendo um sobretudo.

— Que tal estou? — ela perguntou, fazendo uma pose na penumbra, apenas de sutiã e calcinha e com o casaco luminoso. Fez um coque com as mãos e olhou para ele de lado, sorrindo — depois caminhou até o sofá, onde se sentou:

— Deve ser dureza andar por aí com esses anúncios. Tenho orgulho de você, docinho.

— Não é tão ruim assim. E já estou acostumado.

Ela se sentou ao lado dele:

— Mas tem uma coisa que você não quer se acostumar...

— Amor, já falamos sobre isso. Eu não quero. E pronto.

— Eu sei. Eu sei.

Ela baixou a cabeça.

— Eu só queria entender o porquê de você não querer!...

Foram dormir depois de fazerem amor. Quer dizer, ele logo caiu no sono com a elegância de uma pedra; e ela ficou observando ele.

Sim, observando...

Aquele rosto, quase uma criança, dormindo um sonho bom...

Ela ficava olhando, enternecida, e a um tempo enciumada... com quem ele sonhava?

Sim, de vez em quando ele falava numa ex-namorada.

Era por isso que ele não queria usar um implante?

Se ele aceitasse um implante de presente, ela saberia exatamente o que se passava dentro da cabeça dele... saberia dos seus desejos e aspirações... saberia em quem ele estaria pensando e se era verdade que ele a amava... tudo seria transmitido 24 horas diretamente para o implante no cérebro dela.

Súbito, uma idéia horrível lhe ocorreu. Ele não queria por um implante na cabeça porque não a amava.

Pois entre amantes não deve haver segredos.

Isso a encheu de raiva. Ficou com vontade de amassar aquela cara inocente dele, que dormia daquela maneira tão doce.

Aquela foi uma noite mais gelada que as outras.

No dia seguinte, ele acordou como que vindo de uma balada, de tão moído que estava; coçou a bunda da maneira como sempre coçava, bocejou ruidosamente, passou a mão nos cabelos negros desarrumados, pôs o seu colar indígena tão querido e foi pra cozinha, onde ela já estava comendo.

— Bom dia, amor!

— Bom dia... nossa, sou capaz de ir até o inferno pelo café que você faz! Ele tem um cheiro maravilhoso, querida.

— Iria até o inferno pelo meu café... e por mim?

— Por você eu roubaria todo ouro do céu... o que, certamente, me lançaria no inferno. Bem, lá chegando eu encontraria seu café; então, de qualquer maneira, eu sairia lucrando! — ele disse, bonachão.

Ela tomava seu café com leite sorrindo, olhando para aquele menino, seu menino, seu amor, seu homem. Ela então, enquanto comia, fechou os olhos por um momento. Ao cabo do que falou:

— Hoje vai chover.

Depois, pensativa, continuou:

— Pôxa, a bolsa de valores caiu de novo!...

E, após um gole na sua xícara, disse:

— Quer ouvir o seu horóscopo?

Ele sorriu, olhando para ela enquanto apoiava o cotovelo na mesa e segurava a lateral do rosto com a mão, de maneira displicente:

— Querida, eu devo dizer que é assombroso mesmo ver que um implante cerebral permita que as pessoas tenham acesso imediato a todas as notícias on-line do mundo; e você dizendo todas essas coisas me parece uma antiga feiticeira que consulta oráculos, ou uma cigana que lê lâminas que pra mim são totalmente incompreensíveis. Eu acho isso bonito. Sério mesmo! Mas, entenda; eu não quero ter um implante cerebral. Não quero saber de tudo o tempo todo. Eu não sou assim.

— Eu acho que sei por que você não gosta de tecnologia. Tem a ver com seu falecido pai, né?

— Acho que sim. O velho achava que essas porcarias não eram coisa de homem.

— E você acha que usando um implante será menos homem? — ela perguntou, sabendo de antemão que sua pergunta era puramente retórica.

— Não. Ou eu acho que não, sei lá. Mas o negócio é que eu gosto de ter algo em mim que ninguém saiba, entendeu? Não quero máquinas lendo minha mente.

— Quer saber? Acho que sua raiva pela tecnologia também tem a ver com seu emprego, não é?

— Eu não sei, querida. Talvez sim, talvez não. Eu acho que não. Mas um psicólogo teria uma opinião diferente sobre mim.

— Amor, eu lhe amo. Mas não tenho certeza que você me ama. Com o implante, poderíamos estar conectados 24 horas ininterruptamente, poderíamos bater papo on-line onde quer que a gente estivesse...

— Eu também lhe amo, sua menina encrenqueira. Mas eu gostaria que bastasse minha palavra de homem para você acreditar, e não o relatório de um chip enfiado no meu crânio. E, no que me diz respeito, menina, nós já estamos unidos de uma maneira que os fabricantes de chips de implantes nem imaginam ser possível. Agora tenho que ir trabalhar. Bom dia pra você, amor. Fica com Deus, e saiba que eu lhe amo de verdade!

Deus, Deus... onde fica Deus nos dias de hoje? No coração, no cérebro, no chip?

Com seu casaco out door, ele ganhou as ruas. Caminhando, sentindo o vento e os olhares gelados da multidão anônima em seu corpo, nos anúncios, que corriam e corriam, piscavam, pulavam, anunciavam. Ele era o anunciador dos anúncios que lhe

denunciavam, que denunciavam o seu horror a tudo aquilo, mas que ele se submetia para ter dinheiro para viver com aquela menina que era a sua razão de viver. Caminhava com as mãos nos bolsos e cabeça baixa; apesar de tudo, estava feliz, pois caminhava pensando numa antiga letra duma música que sua ex-namorada gostava; e ia cantarolando a música, da qual só se lembrava de fragmentos. Sorriu: se tivesse um implante, iria ouvir a música diretamente no cérebro, enquanto que a letra dela, bem como dados pormenorizados da banda passeariam pelo seu olhar. Tudo simples e rápido. E onde, perguntava ele, onde iria parar a beleza de se tentar lembrar da música e não conseguir?

— Puxa, o shopping está fazendo uma liqüidação! — uma senhora disse ao olhar o comercial que passava loucamente no peito no menino; um comercial cheio de pessoas de boa aparência e cheias de sacolas, sorrindo.

— O novo carro pode ser comprado em trinta e seis vezes! — um senhor comentou ao olhar para o braço do menino.

— Puxa, não vou perder a sessão de filmes de hoje de noite! — comentavam enquanto um comercial passava nas costas do moleque.

E era assim. Se bem que seu emprego estava por um fio, pois era bem mais barato mandar comerciais diretamente para o interior do cérebro das pessoas, via implante. O único motivo que ainda não acabaram com seu emprego é que havia algo romântico nele, que lembrava tempos de outrora; os velhos gostavam dessas coisas, de lembrar dos dias gloriosos que já passaram e coisas assim.

O menino gostava dos velhos. Ele queria ter nascido no tempo em que os homens usavam terno e gravata e chapéu. E, estranho, chamavam essa época de Grande Depressão, o que lhe provocava estranhos ecos, de pessoas que, malgrado usarem ternos e gravatas e chapéus, estavam todas deprimidas, e todos criavam poesias. É, ele também usava um casaco e não era bem um poço de otimismo, o que criavam um estranho vínculo dele com aquela época esquecida. Não fosse o amor por aquela menina, já teria desabado há tempos.

Voltou para casa no horário em que sempre voltava, e naquela noite discutiu feio com ela.

Tudo começou com seu colar indígena.

Na esperança de persuadí-lo a usar o implante, ela transmitiu uma matéria armazenada em seu crânio para a televisão da sala:

— Olha só querido, eu sei que você gosta da cultura indígena. Mas, veja, até eles estão conectados! Veja só essa matéria de jornal:

Estamos aqui na Reserva Indígena para acompanhar mais uma etapa no processo de melhorias na qualidade de vida desses aborígenes primitivos que conheciam apenas televisão e internet, mas que ainda não possuíam implantes cerebrais. Graças a uma parceria entre o Governo e a Iniciativa Privada, agora todos os índios da Reserva Indígena agora podem se conectar com o mundo moderno e finalmente poderão sair da escuridão tecnológica em que se encontravam. É quase impossível de se acreditar que ainda haja pessoas no mundo que hoje que não possuam implantes, e agora os índios podem se orgulhar de não mais pertencer a esse grupo. Aqui vemos um grupo de indígenas de olhos fechados, na certa estão pasmos de verem os imensos benefícios da moderna tecnologia de imersão. Se antes eles fechavam os olhos em seus primitivos rituais, agora eles fecham os olhos totalmente deslumbrados com a nova tecnologia que os desnuda de seus preconceitos ultrapassados. Essa é a nova catequização: sem violência, sem mortes, apenas uma mesma comunhão que conecta a todos no mesmo sonho tecnológico.

—Puta que o pariu! O que esses idiotas fizeram com os índios!? — o menino gritou.

— Eles agora estão libertos, querido.

— Libertos? Quando o rádio chegou nas tribos, achou-se que isso os libertaria. Depois falou-se: "Não, isso não é suficiente; temos de levar a televisão para esses malditos pagãos". E então a televisão chegou lá. Mas então a televisão não bastou, e então enfiou-se a internet no rabo dos índios, achando que isso os libertaria. Deus, quando ainda vai durar esse processo? Libertar o quê? Isso foi a gota d'água para se destruir a cultura dos índios; agora sim, eles são iguais a todos os outros idiotas desse país. Vão ficar gordos, parados no mesmo lugar, acessando sacanagem. Isso é progresso? Por que a morte da inocência é requisito básico para o progresso? Aliás; progresso para onde??

— Você acha que eu sou idiota porque uso um implante? — ela falou.

— Querida, a questão não é essa.

— Não, a questão é essa. Ou você põe um implante ou eu vou sair da sua vida. Ponha isso na cabeça!

— Por o quê? o Implante ou a sua ignorância?

— Suma da minha vida! Eu sei que você não quer por a porra da implante porque ainda pensa na vaca da sua ex-namorada, seu filho da puta!

Palavras, o que elas adiantam?

Ele se desligou da vida dela.

Foi até o cemitério onde sua ex-namorada estava enterrada.

E chorou.

E o que estava sentindo, não saberia dizer.

FIM.

Josiel Vieira de Araújo 03/12/2006 17h50